

Agite

edições
sesc

de

usar.

Deslocamentos educativos, sociais
e artísticos na América Latina

ORGANIZAÇÃO

Renata Cervetto

Miguel A. López

antes



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor Regional

Danilo Santos de Miranda

Conselho Editorial

Ivan Giannini

Joel Naimayer Padula

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Sérgio José Battistelli

Edições Sesc São Paulo

Gerente Marcos Lepiscopo

Gerente adjunta Isabel M. M. Alexandre

Coordenação editorial Clívia Ramiro, Francis Manzoni, Cristianne Lameirinha

Produção editorial Thiago Lins

Coordenação gráfica Katia Verissimo

Produção gráfica Fabio Pinotti

Coordenação de comunicação Bruna Zarnoviec Daniel

- 11 Introdução
O horizonte transformador da educação
Renata Cervetto e Miguel A. López

Propostas para uma mediação crítica

- 23 *Sofia Olascoaga*
Advertência: mais perguntas que respostas.
Questionário invertido sobre a prática artístico-pedagógico-
-curatorial
- 28 *Valeria Galarza*
Fazer juntas? Implicações e colaborações entre educadoras
de museus e território na região do Mercado de San Roque, Quito
- 39 *Luiz Guilherme Vergara*
Curadoria educativa: percepção imaginativa/consciência do olhar
- 46 *Carmen Mörsch e Catrin Seefranz*
Fora do *cantinho*. Arte e educação na 24ª Bienal de São Paulo (1998)
- 67 *José Luis Blondet*
Mal-educados

Luiz Guilherme Vergara

Curadoria educativa: percepção imaginativa/ consciência do olhar¹

*“Nós vivemos numa época na qual a arte muitas
vezes parece ser uma língua estrangeira.”*

PHILIP YENAWINE²

Introdução

A proposta deste texto é justamente levantar as bases de uma reflexão sobre uma atitude estética formadora de um olhar que se fundamente numa prática do encontro com a arte contemporânea. No que consiste a vivência de significados da arte contemporânea? – seja ela uma língua estrangeira para o grande público ou deslocamentos de objetos achados em nosso dia a dia. Estes dois pontos antagônicos, a simultânea distância e proximidade entre a arte contemporânea e o mundo cotidiano, se desdobram na problemática do que essas tendências demandam por parte do sujeito da experiência estética. Que relações e atitudes estéticas são estimuladas para o encontro e o diálogo com os significados desses objetos/espacos metafóricos ou arqueologia contemporânea?

Diante dessas premissas, pode-se dizer que aquilo que (se) por um lado é um sintoma de distanciamento da arte, vista como “língua estrangeira” por

¹ Ensaio publicado originalmente em Luiz Guilherme Vergara, *Curadorias educativas*, Rio de Janeiro: ANAIS ANPAP, 1996.

² Philip Yenawine, *How to look at Modern Art*, Nova York: Harry Abrams Inc. Publishers, 1991.

subtração de potência da arte *per se* em favor de prioridades didáticas. Pelo contrário, expandir o conceito da relação arte/sociedade segundo perspectivas já apontadas por John Dewey (*Art as an Experience*, 1930) e, mais recentemente, por Joseph Beuys.

Estratégias de engajamento do público na experiência da Arte Contemporânea

A consciência do olhar: percepção imaginativa

Perspectivas fenomenológicas para a experiência estética

Esta abordagem, que, principalmente, enfoca um estudo da experiência estética, tem na fenomenologia sua base filosófica e metodológica. A questão fundamental está na relação arte e consciência, que implica paralelamente num conceito de arte como experiência sujeito/objeto. A construção de consciência através da experiência estética é o ponto-chave para se explorar a potencialidade da arte com essa abordagem fenomenológica. Resgatando a abordagem de John Dewey (*Art as an Experience*, 1930) para a relação experiência-consciência:

Consciência não é algo *a priori* em si que então também entra em relação com algo – outro. A relação com o outro entra na própria essência do ato consciente. Assim, segue que a consciência é codeterminada pelo outro com o qual esta se relaciona.

O que aqui se torna ponto de interesse nessa relação recíproca de construção sujeito/mundo através da dialética entre consciência e experiência, que se dá no encontro com o objeto artístico. A construção da “consciência do olhar” será a nota chave desta abordagem. O olhar de Cézanne, a tensão entre percepção e consciência, que Merleau-Ponty e, mais tarde, Argan vão elaborar como reflexão do estar no mundo do artista.

A construção e formação do olhar que se dá através da experiência estética é sem dúvida um veículo de materialização da consciência – Estar e Ser no mundo – se revelando pelo tempo e experiência (consciência). Talvez, ao se apontar para a desmaterialização da arte, se considere a desmaterialização de suas fronteiras com a vida e a matéria cultural. Ao mesmo tempo,

o que a experiência da arte contemporânea pede é a materialização dessa “consciência do olhar”, desse ente que tanto foi ponto de questionamento de Heidegger. Ele vai resgatar no pensamento grego a resposta para Ser e Tempo (experiência): “Os gregos denominam o ser, ente, de *ousia*, que significa ‘estância’... O seu modo de ser ou ‘estância’ tem, portanto, sentido temporal de presença...”⁴.

Daí o que se propõe como questão: a potência para a arte está na esfera da experiência do olhar que é, acima de tudo, a experiência da consciência ativa. A arte é a materialização de uma consciência ativa (do artista) que se faz multiplicada em cada tempo/experiência no sujeito que se abre para essa experiência. O que se invoca é a supremacia do olhar/consciência com estância – o emergir do ente, do ser no tempo.

Arte como ponto de encontro/estranhamento – admiração e reconhecimento

Tempo 1: experiência perceptiva (individual) – estranhamento e/ou admiração.

Tempo 2: ato crítico/perceptivo – descrição e reconhecimento; (individual/grupo).

Tempo 3: emergência de um ser poético/Imaginação ativa – associações, interpretação (interação em grupo).

A fruição e posse da obra de arte, isto é, quando a obra se abre para o sujeito, significando a vivência de significados, só se dá quando esse sujeito atinge o tempo 1.

A emergência desse ser poético, consciência poética, não é, *a priori*, anterior à experiência; esta se faz numa relação recíproca de despertar que envolve simultaneamente estranhamento/admiração, percepção/imaginação. O que se propõe aqui é uma aplicação em nível de metodologia daquilo que constitui o sentido fenomenológico de experiência estética de John Dewey⁵.

4 Loparic Zeljko, “O ponto cego do olhar fenomenológico. O que nos faz pensar”, vol. 1, n° 10. PUC/RJ, 1996.

5 Nota de revisão em 11 de abril de 2011: esta dimensão de aquisição de linguagem e pedagogia existencial vem sendo retomada em vários outros textos, como *Antropofagia contínua* (2004). A

Espaços de formação e políticas de aprendizagem

- 79 *Pablo Helguera*
Uma má educação. Entrevista por Helen Reed
- 91 *Tania Bruguera*
Declaração docente
- 94 *Tania Bruguera*
Cátedra Arte de Conduta: declaração
- 96 *Michy Marxuach*
Uma escola de arte hoje: tecendo a textura que sustenta a frase.
Acender algo numa ilha do Caribe
- 110 *María Villa*
Uma ponte não é uma ponte até que alguém a atravesse.
Reflexões sobre a arte contemporânea e diálogos significativos

Atravessar a cena neoliberal a partir da educação artística

- 125 *Luis Camnitzer*
O ensino de arte como fraude
- 138 *Max Hernández Calvo*
Embargar a aula: expectativa, frustração, incerteza e poder em
três iniciativas pedagógicas de estudantes
- 144 *Eduardo Molinari*
O homem de milho. Entrevista por Renata Cervetto
- 154 *Andrea Francke*
Escolas de arte, maternidade e ativismo.
A experiência do *Invisible Spaces of Parenthood*

Protestos, crises e reconstrução dos modelos educativos

- 167 *Mônica Hoff e Cayo Honorato*
Mediação não é representação: uma conversa

Patricia Belli
José Luis Blondet
Tania Bruguera
Luis Camnitzer
Renata Cervetto (org.)
Andrea Francke
Valeria Galarza
Pablo Helguera,
Max Hernández Calvo
Mônica Hoff
Cayo Honorato
Iconoclasistas
Lisette Lagnado
Miguel A. López (org.)
Michy Marxuach
Mónica Mayer
Eduardo Molinari
Carmen Mörsch
Sofía Olascoaga
Projeto Secundarista Liliana Maresca
Helen Reed
Felipe Rivas San Martín
Catrin See Franz
Luis Guilherme Vergara
María Villa

ISBN 978-85-9493-109-2



Este livro reúne reflexões e experiências sobre educação que apareceram na América Latina, nas três últimas décadas. Esses textos exploram desde um olhar crítico para as estratégias de mediação até práticas auto-organizadas e colaborativas de aprendizagem, o papel social da educação, os alcances públicos da arte e as formas renovadas de crítica política.

Apoio cultural

MALBA

TEOR/ética
arte + pensamento